

# O CINEMA E A EDUCAÇÃO: A LUZ NA SALA ESCURA

**Regina Celia da Cruz**

*Doutora em Comunicação e Linguagens  
pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)*

## Resumo

O presente trabalho aponta algumas das experiências que se desenvolveram em espaços de ensino públicos, apostando na relação entre cinema e escola. Coloca a possibilidade de reflexão sobre os diversos caminhos percorridos pelas redes de fortalecimento dessa proposta, incluindo o espaço universitário. Como resultados desta análise, destacamos alguns desdobramentos da utilização dos filmes no âmbito do ensino público superior que repercutem na produção de um pensamento crítico e produtor de aprendizados ampliados na formação de profissionais comprometidos com mudanças na construção de novos olhares para a sociedade e para a educação.

**Palavras chaves:** Cinema; Educação; Escola Pública; Ensino Superior; Transversalidade.

*O cinema transborda o conteúdo programático. Ao viver no cinema uma história que tangencia a sua própria, cada um descobre sentidos próprios, do lúdico ao intrigante, da memória à imaginação. É preciso colocar algo de si no filme para que esses sentidos aflorem.<sup>1</sup>*

*Maria Angélica dos Santos*

Ao pensarmos na alfabetização das crianças como a leitura e escrita de palavras e textos, acreditamos que a aprendizagem se desenvolve na escola a partir do conhecimento das letras e da escrita. Porém, ela começa muito antes da idade escolar, através da observação de sons e imagens

que despertam nossa curiosidade e atenção – as imagens em movimento – na vida e nas telas.

As imagens produzem e reproduzem conceitos, valores e olhares para o mundo desde muito cedo, antes mesmo da chegada aos bancos escolares. A isso chamaremos aqui de alfabetização audiovisual<sup>2</sup>. Na escola são desenvolvidas as habilidades que seguem por esse caminho e levam à compreensão através de associações com outros aprendizados na relação com repertórios particulares e coletivos, e à produção de conhecimento no acúmulo de

---

<sup>1</sup> Epígrafe do livro *Escritos da alfabetização audiovisual: LUZ na docência*, organizado por Maria Angélica dos Santos, Angelene Lazzareti e Juliana Vieira Costa (2018).

<sup>2</sup> Tomamos emprestado o nome do PAA – Programa de Alfabetização Audiovisual, liderado por Maria Angélica dos Santos. De acordo com Marcos Mello na orelha de *Escritos da alfabetização audiovisual: LUZ na docência*, trata-se de “[...] um projeto que começou de maneira modesta, em 2008, inicialmente pensado apenas como uma mostra de filmes na sala P. F. Gastal, com a intenção de atender aos

alunos da rede municipal. Sua primeira semente foi plantada ainda na década de 1990, por meio de outros dois projetos, que estão entre as iniciativas mais bem-sucedidas da história da Coordenação de Cinema, Vídeo e Fotografia da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre: o Cinecriança e a itinerância local do Divercine – Festival Internacional para Crianças e Jovens, realizado pela Cinemateca Uruguai, considerado o principal evento do gênero na América Latina.” (SANTOS; LAZZARETI; COSTA, 2018).

repertório e na percepção do mundo a partir dos olhares singulares e da transversalidade que produzem.

Por reconhecer a importância das imagens e de sua veiculação como estratégia para a produção de conhecimento, professores(as) têm no recurso audiovisual grande apoio para promover as atividades escolares transversais e tratar as representações do mundo de modo horizontalizado e compartilhado.



Vivemos tempos de desverticalização de saberes e práticas, de difusão de fronteiras entre ciências, artes, suportes, espaços. Hoje é possível assistir a filmes na TV, ver seriados e óperas nas salas do cinema, festivais de cinema em museus, nas ruas, nas praças, nas escolas... E em poucas horas os registros de audiovisuais desses eventos circulam nas redes sociais para livre compartilhamento em computadores, tablets e outros aparelhos móveis de comunicação, conectados em permanente processo de exibição e produção de imagens. (FRESQUET, 2016, p. 140).

A preparação para a formação cidadã encontra na escola possibilidades de diálogo entre o repertório teórico e as histórias que se aproximam do cotidiano e podem revelar a diversidade das culturas e das experiências que se atualizam e são possíveis através da circulação de informações que se dá na produção audiovisual. “Uma constelação de projetos comunitários, que majoritariamente se misturam às escolas e as atravessam, vem ganhando densidade e reconhecimento nas diversas formas de produção audiovisual popular.” (FRESQUET, 2016, p. 140).

A escola pública, atravessada pelos diversos engessamentos carregados pelo conservadorismo histórico, abriga afetos e trocas no fortalecimento da coletividade, que, diante das dificuldades enfrentadas no país, foram vivenciados no ano de 2016, um período de muitas surpresas, entre elas a arrojada atitude de estudantes que se colocaram como protagonistas de ações concretas no movimento de ocupação de escolas públicas para defender o espaço escolar como lugar legítimo do direito de estudar e de agir registrando aquela trajetória. Em muitas escolas, para divulgar as ações de cuidados e as atividades desenvolvidas, estudantes e trabalhadores produziram audiovisuais que até hoje reverberam nas redes sociais.

A alteridade de estudantes se revelou nas propostas de ocupar os espaços escolares com atividades que despertassem os interesses para além das estratégias e conteúdos planejados institucionalmente, integrando e trazendo para a cena filmes, debates, práticas esportivas e culturais que envolvem a interação com a comunidade local.

No início do ano de 2016, profissionais da educação e da gestão federal trabalhavam “na definição da Base Nacional Curricular Comum, a elaboração de um Acordo de Cooperação entre os Ministérios da Educação e da Cultura”, que definiu, no mês de março, uma “pauta conjunta e [...] a finalização do processo de regulamentação da Lei 13.006/14”<sup>3</sup> (FRESQUET, 2016, p. 141):

<sup>3</sup> “Lei 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. [...] § 8º A exibição de filmes de

produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” (Diário Oficial da União, 27.06.2014, Atos



[...] pensar a formação audiovisual como uma ampliação da cultura escolar, como linguagem artística polissêmica que abrange as diversas formas de leitura de mundo, sensibiliza o intelecto, mas também como uma forma específica de conhecimento. (FRESQUET, 2016, p. 141).

Na proposta de pensar junto com estudantes, professores, pesquisadores, cineastas, produtores e gestores da educação, defensores da escola como espaço de aprendizado democrático buscam conhecer e produzir a problematização na construção de coletivos potentes descentralizados, entre eles a Rede Kino – Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual –, que, todos os anos, reúne representantes na Mostra de Cinema de Ouro Preto – CINEOP.



Criada em 2009, a Rede KINO surge do desejo de educadores, pesquisadores, cineastas, produtores e gestores da educação em compartilhar experiências e somar esforços para tratar questões relativas à articulação entre cinema e educação e viabilizar ações conjuntas para: superar a distância entre produção artística e formação humana; articular cinema e educação na formação intra e extraescolar de crianças e jovens; articular cinema e educação na formação de professores e exercício da docência; colaborar com a educação estética audiovisual; articular projetos em cinema e educação no âmbito latino-americano; oferecer subsídios para que a produção audiovisual latino-americana incorpore a preocupação com a educação; oferecer subsídios para a formulação de políticas públicas no que diz respeito ao acesso da população brasileira à produção cinematográfica; estimular produções audiovisuais em espaços educativos. (KINOCAMPINAS, 2015).

Nas escolas muitos são os projetos que têm por objetivo despertar o interesse de estudantes e professores por metodologias que passam pela inclusão de filmes para compreender e reconhecer

os saberes que a escola produz na relação entre a educação e o cinema para a construção do conhecimento ampliado – olhar para o mundo além das paredes da sala de aula. Os educadores enfrentam desafios ligados a uma formação voltada para a utilização de materiais disponíveis em bibliotecas, lista de materiais escolares, cadernos, livros e quadro de giz. Enquanto o trabalho de professores e a participação de estudantes realizam a aprendizagem escolar, “A escola não trabalha com o mundo, mas com representações do mundo. Com um mundo, poderíamos dizer, nomeado, escrito, gramatizado, pintado, representado, imaginado.” (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 65-66).

Pensar o cinema na perspectiva de superar a ideia de entretenimento que a produção comercial dissemina pelas salas de exibição e no ambiente virtual desperta um olhar crítico para a reprodução de filmes estrangeiros e da meritocracia, além de apontar para a visibilidade de produções cinematográficas como arte capaz de gerar outros olhares para o mundo que nos rodeia. Esse olhar cria a oportunidade de conhecer diferentes culturas, propondo aprendizados através de pensamentos e ideias a que a escola, seus professores(as) e estudantes têm acesso por meio das imagens em movimento também como uma linguagem.

Muitas são as discussões que se travam no campo do cinema, produzindo diversos debates sobre a linguagem nos modos de ver/conhecer a sétima arte. Nessa pauta encontramos o francês

Marcel Martin, crítico de cinema, que, no prefácio do livro *A linguagem cinematográfica* (2003), coloca sua contribuição:



[...] o que distingue o cinema de todos os outros meios de expressão cultural é o poder excepcional que vem do fato de sua linguagem funcionar a partir da reprodução fotográfica da realidade. Com ele, de fato, são os seres e as próprias coisas que aparecem e falam, dirigem-se aos sentidos e à imaginação: a primeira vista, parece que toda representação (significante) coincide de maneira exata e unívoca com a informação conceitual que veicula (significado). (MARTIN, 2003, p. 18).

As relações das imagens com a realidade e sua linguagem são debates que não consideraremos neste momento, pois se travam em pesquisas específicas sobre cinema. Convém pontuar aqui a importância das imagens em movimento e suas relações e as afetações que produzem. Portanto, como afirma Martin, há originalidade na *linguagem cinematográfica*.



Tal originalidade advém essencialmente de sua onipotência figurativa e evocadora, de sua capacidade única e infinita de mostrar o invisível tão bem quanto o visível, de visualizar o pensamento juntamente com o vivido, de lograr a penetração do sonho e do real, do impulso imaginativo e da prova documental, de ressuscitar o passado e atualizar o futuro, de conferir a uma imagem fugaz mais pregnância persuasiva do que o espetáculo cotidiano é capaz de oferecer. (MARTIN, 2003, p. 19).

É preciso pensar o cinema como dispositivo capaz de transpor e ampliar os recursos de que a escola dispõe; tratar o cinema e a educação como produção de relações com o mundo e suas possibilidades; apresentar o fazer cinematográfico como especialidade de um trabalho aprimorado e artístico que possibilita ver, ouvir, rever, compreender e reconhecer o mundo por muitos olhares e construções.

Trazer para a educação também o reconhecimento do trabalho de cineastas, as mensagens transmitidas pelos filmes e sua repercussão no cotidiano e saberes sobre o fazer dos artistas, técnicos e colaboradores na produção das imagens e sua difusão contribui com a experiência da produção de filmes, a criatividade e o potencial artístico criador.

Solange Stecz (2015), em sua tese, intitulada: *Cinema e educação: produção e democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba*, apresenta um debate sobre uma experiência desenvolvida na década de 1980. A tese defendida



[...] é a de que o audiovisual em sua dimensão artística, educativa e humanística constrói pontes entre educadores e cineastas que atuam na perspectiva da educação como prática da liberdade. Pensar as relações entre audiovisual e educação exige que se perpassa a sensibilização e criticidade do olhar cinematográfico das crianças tendo a escola como espaço de incorporação e de sua fruição. (STECZ, 2015, p. VIII).

A pesquisadora mostra a ação de cineastas nas escolas do Paraná produzindo filmes e aproximando professores e estudantes no projeto *Criança e cinema de animação*, que teve ações de formação de professores e sistematização do projeto, execução e avaliação dos resultados.



[...] pensar a relação cinema/educação como um processo de estranhamento e não como instrumento didático ilustrativo de conteúdos pedagógicos. Trata-se de se pensar o cinema como uma experiência criativa e significativa, para alunos e professores, como indivíduos e para toda a escola, em seu conjunto. (STECZ, 2015, p. 21).

A realização cinematográfica, como complemento curricular para o desenvolvimento de fazeres artísticos, proporcionou aprendizado e

apreensão do cotidiano de “crianças e adolescentes na posição de sujeitos da sua história”. (STECZ, 2015, p. 213).

A formação de público para o cinema ganha concretude na criação da Cinemateca do Museu Guido Viaro (1975), que na década anterior era uma das três cinematecas brasileiras, junto com a de São Paulo e a do Rio de Janeiro. Atualmente a capital do Paraná tem um curso universitário de cinema numa escola pública estadual, formando cineastas e, também, educadores comprometidos com a produção cinematográfica.

Considerando a importância do tema, resgatamos aqui outra a experiência, no Estado do Rio Grande do Sul, onde foi criado o Programa de Alfabetização Audiovisual (PAA), que tem por proposta a “experiência compartilhada do cinema”, na ideia de “estarmos juntos e, **com** eles, construir um **nós**.” (LAZZARETI, 2018, p. 94, grifos nossos). Diante desse desafio, o PAA trabalha pela qualificação de educadores e na defesa do audiovisual nas escolas tendo por horizonte:



[...] a promoção e o estímulo aos educadores sobre o trabalho qualificado com audiovisual, ao considerar a presença dessa linguagem como constituinte do cotidiano de estudantes e professores; a ampliação do repertório cinematográfico dos educadores; o aporte sobre os processos criativos envolvidos no trabalho com cinema, tanto em termos de recepção quanto de produção; [...] (LAZZARETI, 2018, p. 93).

A potência de um projeto que já completa dez anos de trajetória se manifesta na perspectiva de um trabalho construído a partir de bases que se sustentam na superação e compreensão de limites claros e objetivos definidos, como observa Lazzareti:



[...] o incentivo para que os educadores apostem em conhecer o cinema junto com os estudantes e em descobrir sobre a linguagem a partir das perguntas geradas no contato com ela; a reflexão sobre a experiência do cinema como foco de processos de subjetivação e de conhecimento; o suporte sobre questões técnicas relativas aos elementos da linguagem; o enraizamento de projetos com audiovisual no tempo e espaço escolares; a criação de uma rede de fortalecimento continuado entre educadores de diferentes escolas e instituições; e a persistência no trabalho com audiovisual na escola, mesmo em tempos de desmonte na educação pública no país. (LAZZARETI, 2018, p. 93-94).

A busca pelo conhecimento e produção de coletivos em redes de apoio mostra a consistência na possibilidade de encontros, na aprendizagem da escuta e olhar sensível às demandas postas no caminho, com a participação de quem educa atravessada por contribuições dentro e fora do ambiente escolar.

Assim como as escolas de ensino básico, também as universidades oferecem e se apresentam como espaços possíveis para a proposta de apropriação dos filmes como dispositivos para a produção de saberes e troca humana. Não se trata de reduzir o debate ao plano de níveis de aprendizagem e suas possibilidades na produção e utilização do audiovisual, embora consideremos esse debate relevante, não será nosso foco nem aprofundamento neste momento.

### **Os filmes, a recepção e o debate nas aulas dentro do ambiente universitário**

Os cursos universitários em instituições públicas, em suas especificidades, compartilham os desafios que o tempo lhes impõe para a formação de pesquisadores(as) e profissionais que reconhecem na busca por conhecimento seu

compromisso com a sociedade da qual são parte atuante. Sem querer problematizar o ensino superior no país em sua história e atualidade, o fato de que se constrói uma coletividade seleta é constatado nas análises mais diversas.

Resgatar as bases e limites heterogêneos que a escola tenta enfrentar em sua trajetória diante do universo de informações e conhecimentos necessários para a hercúlea responsabilidade de – em tão curto espaço de tempo e com tamanha exigência no volume de conteúdos mínimos necessários – produzir uma formação universitária se coloca como um desafio para estudantes, trabalhadores e professores(as) na gestão dessa tarefa, que demanda construção coletiva e olhares ampliados.

Diante desse desafio, a utilização de filmes para o debate e compreensão das associações de conceitos abstratos com o cotidiano visível e invisível, além das articulações teóricas e práticas, produz estratégias que podem se utilizar do cinema e apresentar resultados inusitados e promissores.

A qualificação de professores(as) está na pauta das Instituições de Ensino Superior (IES) não apenas na garantia de oportunidades para a titulação de mestres e doutores nas suas particularidades e singularidades, mas também na atenção e produção de espaços, na aquisição de equipamentos adequados, no apoio para a atualização de recursos didáticos e pedagógicos, na troca de experiências entre professores com

vistas à valorização do trabalho desses profissionais da educação.

O Programa Sala Aberta – Docência no Ensino Superior<sup>4</sup>, previsto na Resolução CUNI 1745 da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), “visa criar e ampliar espaços para o diálogo e a permanente reflexão sobre os desafios da docência universitária, tendo como protagonistas os professores.” (PROGRAD–UFOP). Colocando à disposição de docentes um espaço institucional para o debate e atualização no enfrentamento do desafio cotidiano, o Programa propõe “a reflexão como uma prática cotidiana, que deve ser canalizada para a produção de conhecimentos sobre o ensino, garantindo que as práticas educativas sejam constantemente examinadas e reformuladas. (PROGRAD–UFOP). Tem como um de seus objetivos “Propiciar um olhar amplo sobre o próprio saber docente e sobre as práticas docentes na UFOP”, além de “Oportunizar a formação continuada dos docentes ingressantes na UFOP, por meio da reflexão e da teorização da prática diária no ensino superior.” (PROGRAD–UFOP).

Sua programação convida pesquisadores de outras IES, especialistas em diversos campos de conhecimento, para a troca de experiências regularmente. Em meados do ano de 2018, a oportunidade se materializou na presença da pesquisadora e professora Dra. Inês Teixeira, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, com grande experiência no debate e publicações sobre cinema e educação. Foi uma grata surpresa

---

<sup>4</sup> Disponível em:  
<https://www.prograd.ufop.br/index.php/nap/docencia-no-ensino-superior>. Acesso em: 25 jun. 2019.

descobrir, durante os debates, que muitos(as) professores(as) participantes, de diversos cursos, nos mais variados campos do saber, utilizavam filmes em suas atividades docentes. O encerramento do encontro trouxe a proposta de mais tempo e mais momentos para tratar do tema, o que mostra a disposição e o interesse dos presentes.

Como experiência prática realizada na mesma instituição, colocamos aqui um dos exemplos dessa possibilidade: a utilização do premiado filme *Ilha das flores*<sup>5</sup> (1989), do diretor Jorge Furtado. O curta-metragem transita entre a ficção e o documentário e trata, de maneira didática e por vezes divertida, da temática da circulação de mercadorias, bem como do processo produtivo e da distribuição da riqueza, mostrando cenas de um lixão na região de Porto Alegre.

A disciplina regular de graduação *Acumulação Capitalista e Questão Social*, na qual a produção cinematográfica foi exibida, traz em sua ementa curricular:



A lei geral da acumulação capitalista e os processos de produção e reprodução das relações sociais. A questão social como resultado das contradições do desenvolvimento do capitalismo. O Estado "de classe" na ordem burguesa e seus mecanismos de enfrentamento às refrações da questão social. A questão social na contemporaneidade no Brasil e suas interpretações teóricas no Serviço Social. (Disciplina do Curso Superior de Serviço Social).

A exibição do filme em sala de aula despertou o interesse de estudantes pelo debate proposto pela ementa e possibilitou a relação do conteúdo programático com as imagens e

associações desencadeadas na narrativa, que propõe um resgate histórico de elementos como o dinheiro e a produção da pobreza e da riqueza. A visibilidade da “representação fotográfica da realidade” de outros espaços e a atuação do cineasta na criação de imagens em movimento e figuras produz a relação entre “significante” e “significado” apresentada por Marcel Martin (2003).

Podemos ainda mencionar a utilização do filme brasileiro *O homem que virou suco*<sup>6</sup> (1981), dirigido por João Batista de Andrade, que trata do êxodo de um trabalhador nordestino que chega à capital de São Paulo para fugir da falta de oportunidade econômica e encontra diversas dificuldades na sua empreitada, colocando as estratégias de sobrevivência como assunto central.

Muitas são as possibilidades na exibição desse filme, porém ele foi trabalhado na disciplina *Trabalho e Sociabilidade*, que traz em sua ementa:



A centralidade da categoria trabalho para a compreensão da sociabilidade na ordem burguesa. O sentido e a nova morfologia do trabalho na contemporaneidade. A polêmica acerca da centralidade do trabalho na constituição do ser social. (Disciplina Trabalho e Sociabilidade, do Curso Superior de Serviço Social).

Na oportunidade, houve grande contribuição teórica e prática de estudantes para o debate, inclusive a lembrança de parentes próximos que deixaram a Região Nordeste em busca de trabalho e com experiências semelhantes. Além dos conteúdos relacionados, constatamos a aproximação e afetação, o que mostra mais uma

<sup>5</sup> Filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAZhAXjUG28>. Acesso em: 25 jun. 2019.

<sup>6</sup> Filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FF70tq8QSS4>. Acesso em: 25 jun. 2019.

vez a potência do dispositivo fílmico como estratégia didático-metodológica de aprendizado no espaço universitário.

Produzindo transversalidade na utilização de filmes para um debate interdisciplinar, foi realizada uma exibição em conjunto com professor e estudantes na disciplina de *Cinema* (Curso de Jornalismo) e na disciplina *Trabalho e Sociabilidade*, tendo como resultado textos que relacionavam as questões culturais e transversais. O filme escolhido foi *Martírio*<sup>7</sup> (2016), produzido através do projeto Vídeo nas Aldeias. Dirigido por Vincent Carelli, Ernesto de Carvalho e Tatiana Almeida, mostra a resistência ao genocídio dos povos indígenas Guarani Kaiowá na região de Mato Grosso do Sul.

A oportunidade de conhecer a vida de indígenas, suas histórias e lutas representa a possibilidade rara de aproximação com a realidade da disputa de territórios que existe no país desde o seu descobrimento. As reações foram diversas, desde o total desconhecimento e surpresa até a indiferença, que pôde ser tratada em debates posteriores nas duas turmas presentes. Além delas, convidados da comunidade local e pesquisadores participaram do debate logo após a exibição.

### Considerações Finais

O reconhecimento da possibilidade de que os filmes possam agregar os recursos pedagógicos como potente dispositivo para promover debates

dentro e fora das salas de aula, mesmo após sua exibição, estimula a memória e a relação das imagens com o cotidiano e suas associações, além da formação de público para a apreciação de filmes com um olhar apurado.

As instituições de ensino, desde o fundamental até a formação superior, podem se apropriar do recurso e das estratégias para o desenvolvimento de seus conteúdos e suas ações – tudo dentro de propostas de formação de educadores e da produção de redes de apoio de troca de experiências e de debates sobre a linguagem do audiovisual agregada às demais linguagens dentro e fora do ambiente escolar.

O fazer cinematográfico, por se tratar de um trabalho com possibilidade de formação universitária, desconstrói a ideia de cinema na escola apenas como entretenimento. Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar os cursos de graduação e pós-graduação em Cinema, como é o caso, entre outros, da Universidade Federal Fluminense (UFF), que completou cinquenta anos de existência, Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da UNESPAR.

O desafio foi válido porque apresentou como resultados indiretos, entre outros, a escolha de Trabalhos de Conclusão de Curso – TCCs – e de projetos de pesquisa ligados aos temas e motivados pelos filmes. Por se tratar de espaços de formação de pesquisadores(as) e profissionais

<sup>7</sup> O filme não está disponível na internet. Sua exibição faz parte do projeto Vídeo nas Aldeias e demanda autorização da equipe mediante compromisso de apresentação de

relatório sobre os debates e informação sobre o público que participou da exibição.

além da produção de pensamento crítico, as universidades públicas mostram-se como espaços de ampliação da visão de mundo compondo com o audiovisual a produção de afetos, a transversalidade e a possibilidade da relação entre teoria e prática nos mais diversos campos de conhecimento.

### Referências

- CINEOP – MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO, 11. Belo Horizonte: Universo Produções, 2016. Catálogo.
- CINEOP – MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO, 14. 2019. Catálogo
- FRESQUET, Adriana. Cinema, TV e educação em tempos de compartilhamento. *In: D'ANGELO, Raquel Hallak; D'ANGELO, Fernanda Hallak (Org.). Catálogo CINEOP – MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO, 11.* Belo Horizonte: Universo Produções, 2016, p.140-141.
- ILHA das flores. Direção: Jorge Furtado, 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAZhAXjUG28>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen C. Passagens entre a escola e o cinema. *In: SANTOS, M. A. dos; LAZZARETI, A.; COSTA, J. V. (Org.). Escritos da alfabetização audiovisual: LUZ na docência.* Porto Alegre: Cinemateca Capitólio, 2018, p. 63-79.
- LAZZARETI, Angelene. Entre cinema e educação: docência, experiência compartilhada na escola. *In: SANTOS, M. A. dos; LAZZARETI, A.; COSTA, J. V. (Org.). Escritos da alfabetização audiovisual: LUZ na docência.* Porto Alegre: Cinemateca Capitólio, 2018, p. 93-99.
- MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica.* Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2003. (279 p.)
- MARTÍRIO. Direção: Vincent Carelli, Ernesto de Carvalho e Tatiana Almeida (2016).
- MOSTRA KINOCAMPINAS, 1. Comissão Organizadora, 23 de março 2016. Faculdade de Educação da UNICAMP, 2015. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/mostrakino/paginas/redokino.html>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- O HOMEM que virou suco (1981). Direção: João Batista de Andrade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FF70tq8QSS4>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- PROGRAD – Pró-Reitoria de Graduação. Universidade Federal de Ouro Preto–UFOP. Disponível em: <https://www.prograd.ufop.br/index.php/nap/docencia-no-ensino-superior>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- SANTOS, M. A. dos; LAZZARETI, A.; COSTA, J. V. (Org.). *Escritos da alfabetização audiovisual: LUZ na docência.* Porto Alegre: Cinemateca Capitólio, 2018. (256 p.)
- STECZ, Solange Straub. *Cinema e educação: produção e democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba.* 255 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação e Ciências Humanas, UFSCAR, 2015.